

Netflix e o mercado da nostalgia: uma abordagem metodológica da minissérie *Hollywood*

**Netflix and the nostalgia market:
a methodological approach to the *Hollywood* miniseries**

**Netflix y el mercado de la nostalgia:
una aproximación metodológica a la miniserie *Hollywood***

Talita Souza Magnolo

Universidade Federal de Juiz de Fora | talita.magnolo@yahoo.com.br

Ana Paula Dessupoio Chaves

Universidade Federal de Juiz de Fora | anadessupoio@gmail.com

Christina Ferraz Musse

Universidade Federal de Juiz de Fora | cferrazmusse@gmail.com

Resumo: Este artigo propõe um olhar metodológico para compreender e analisar produtos audiovisuais que possuam temas e/ou elementos nostálgicos. Para este trabalho, é proposta a análise de *Hollywood*, que estreou na plataforma de *streaming* Netflix em maio de 2020. A minissérie conta a história de um grupo de aspirantes a atores e cineastas em Hollywood, após a Segunda Guerra Mundial, e tem como fio histórico condutor o cenário político, social e cultural da era de ouro de Hollywood. Partindo da discussão sobre nostalgia, é proposta a identificação dos elementos presentes na série considerados nostálgicos. Através de uma análise pautada em categorias, busca-se evidenciar e classificar estes elementos com o intuito de demonstrar o sentimento de nostalgia presente na trama.

Palavras-chave: nostalgia; minissérie *Hollywood*; Netflix; análise crítica da narrativa.

Abstract: This article proposes a methodological view to understand and analyze audiovisual products that have nostalgic themes and/or elements. For this work, it is proposed the analysis of *Hollywood*, which debuted on the streaming platform Netflix in May 2020. The miniseries tells the story of a group of aspiring actors and filmmakers in Hollywood, after the Second World War, and has as its thread historical driver, the political, social and cultural scene of the Golden Age of Hollywood. Based on the discussion on nostalgia, it is proposed to identify the elements present in the series considered nostalgic. Through an analysis based on categories, we seek to highlight and classify these elements, in order to demonstrate the feeling of nostalgia present in the plot.

Keywords: nostalgia; *Hollywood* miniseries; Netflix; critical narrative analysis.

Resumen: Este artículo propone una mirada metodológica para comprender y analizar productos audiovisuales que tienen temas y/o elementos nostálgicos. Para este trabajo, se propone el análisis de *Hollywood*, que debutó en la plataforma de *streaming* Netflix, en mayo de 2020. La miniserie cuenta la historia de un grupo de aspirantes actores y cineastas en Hollywood, después de la Segunda Guerra Mundial, y tiene como hilo conductor histórico, el escenario político, social y cultural de la Edad de Oro de Hollywood. A partir de la discusión sobre la nostalgia, se propone identificar los elementos presentes en la serie considerada nostálgica. Mediante un análisis basado en categorías, buscamos resaltar y clasificar estos elementos, con el fin de demostrar el sentimiento de nostalgia presente en la trama.

Palabras clave: nostalgia; miniserie *Hollywood*; Netflix; análisis narrativo crítico.

Introdução

É muito comum nos depararmos com produções audiovisuais que narram momentos históricos dentro de seus bastidores, graças à recente proliferação na produção televisiva americana de obras consideradas nostálgicas. Em alguns casos, são produções que apresentam momentos histórico-culturais (CASTELLANO; MEIMARIDIS, 2017), como *Masters of Sex*¹ (Showtime, 2016) e *Mad Men*² (AMC, 2007), que se passam nos anos 1960, *The Americans*³ (FX, 2013) e *The Get Down*⁴ (Netflix, 2016).

Em outros casos, as produções audiovisuais são releituras de produtos previamente bem-sucedidos, como a série *Rush Hour* (CBS, 2016), adaptação do filme de 1998, ou até mesmo o retorno de produções já encerradas, como *The X-Files* (Fox, 1993) e *Twin Peaks* (ABC, 1990). Para Castellano e Meimaridis (2017), deve-se levar em conta não somente a representação de um tempo passado, algo feito, cada vez mais pela indústria televisiva dos Estados Unidos e de outros países, em séries de caráter histórico que tematizam situações vividas séculos atrás, mas a retomada de um passado próximo, possível de ser lembrado pelo espectador como parte de sua própria memória afetiva.

Importantes filmes da história do cinema americano exploraram temáticas nos bastidores de Hollywood, em variadas épocas. Como exemplo, podemos citar: *Cantando na Chuva* (1952), de Gene Kelly e Stanley Donen, e *O artista* (2011), de Michel Hazanavicius, ambos explorando a época da chegada do sonoro. Destaca-se, ainda, *Barton Fink* (1991), de Joel Coen e Ethan Coen, sobre a história de um roteirista que passa a trabalhar para um estúdio de cinema em Hollywood. Outra época histórica bastante retratada pela indústria audiovisual é a conhecida “era de ouro”. Um bom exemplo recente é do longa-metragem *Era Uma Vez Em... Hollywood* (2019), de Quentin Tarantino, que ganhou duas estatuetas no Oscar 2020, das dez indicações recebidas. Na plataforma de *streaming* Netflix⁵, a minissérie *Hollywood*, de Ryan Murphy, também conta a história do mundo do cinema que

¹ William Masters e Virginia Johnson são conhecidos como os pioneiros da ciência da sexualidade humana. Juntos, eles se tornam os maiores cientistas do assunto e são lançados em uma trajetória de fama que os leva até a capa da revista Time.

² A série mostra Nova York nos anos 1960. O protagonista, Don Draper, enfrenta dificuldades para permanecer no topo do mundo de grande pressão das agências de publicidade na Madison Avenue. Em torno dele, estão sua família, os demais sócios e os funcionários da agência. A rotina de Don e suas relações pessoais e profissionais acabam mostrando as mudanças sociais e morais dos Estados Unidos na década de 1960.

³ Dois espões da KGB se fazem passar por um casal americano vivendo no subúrbio de Washington. Eles têm como missão controlar a rede de informações entre os espões que operam no país.

⁴ Série de televisão de drama musical americana. A história, criada por Baz Luhrmann e Stephen Adly Guirgis, se passa no South Bronx, localizado na cidade de Nova York, em 1977.

⁵ Em operação desde 1998, a Netflix experimentou diversos modelos de atuação até adotar o *streaming*. Inicialmente, organizou-se como serviço para compra e aluguel de DVDs, em atividade apenas nos EUA, estabelecido como negócio online. Inaugurou, em 1999, o serviço de assinaturas. Este segundo modelo permitiu ao consumidor uma quantidade fixa de remessas mensais, e, à firma, um fluxo constante de recursos, em vez da venda unitária de produtos. Em 2002, o número de títulos era de aproximadamente 14.500 itens, enviados através dos 18 centros de distribuição nos EUA, permitindo atingir com velocidade diversos pontos do país. Com tal modelo, a empresa abriu capital em 2002 e, em 2007, inaugurou o serviço de *streaming*. A partir de 2010, a Netflix iniciou um plano de acesso a audiovisual de maneira online (LADEIRA, 2013, p. 153).

sucedeu o cinema mudo de Hollywood, através de uma nova perspectiva, ao mostrar como os acontecimentos poderiam ter sido diferentes no pós-Segunda Guerra.

Mais do que nunca, as diversas plataformas de *streaming* têm investido em produtos midiáticos que refletem, de alguma forma, o sentimento nostálgico e possuem objetos, figurinos, músicas ou personagens que carregam consigo elementos que podem ser considerados nostalgizantes. Sobre isso, Castellano e Meimaridis (2017, p. 64) comentam:

Nesse cenário, o veículo de *streaming* Netflix tem se destacado por “ressuscitar” diversas séries, movimento que começou em 2013, quando trouxe ao ar uma nova temporada de *Arrested Development* (Fox, 2003-2006/Netflix, 2013-Presente). Desde então, o serviço produziu *Fuller House* (Netflix, 2016-Presente), um reboot da sitcom *Full House* (ABC, 1987-1995) e *Gilmore Girls: A Year in the Life* (Netflix, 2016-Presente), um revival do drama familiar *Gilmore Girls* (The WB, 2000-2006/CW, 2006-2007). Além disso, em 2016, o serviço conquistou grande popularidade com *Stranger Things* (Netflix, 2016-Presente), drama de ficção científica definido por VanDerWerff (2016) como uma “coleção elaborada de homenagens e referências a filmes da década de oitenta” (tradução nossa). Para o crítico, a série não só apresenta essas alusões, como também busca capturar o sentimento que os espectadores vivenciaram quando assistiram a essas obras pela primeira vez.

Baseada em histórias reais, a produção da Netflix opta por rememorar o esquema de produção hollywoodiano, mostrando como tudo poderia ser diferente se quebrassem alguns paradigmas da época, como preconceito, assédio e abuso por parte de nomes importantes da indústria cinematográfica. O enredo ganha força ao não apresentar um único protagonista, mas sim um grupo de pessoas que são donas de seus próprios sonhos, todos com o objetivo de conseguir um lugar ao sol na cobiçada Hollywood da década de 1940.

A diretora e produtora Janet Mock afirma que, com um presente tão cheio e um futuro tão incerto, é necessário voltar ao passado em busca de uma nova direção e redescobrir histórias enterradas. Segundo Mock, “e se um grupo de forasteiros tivesse a chance de contar sua própria história? Além disso, o roteirista é um homem negro? E se a heroína fosse uma mulher de cor? O ídolo matiné abertamente gay?”. Para ela, *Hollywood* é uma carta de amor “onde os sonhadores habitam, as estrelas nascem e a magia transcende a realidade” (NARCISO, 2020, online).

Tendo como ponto de partida a emergência do mercado de nostalgia nos produtos audiovisuais, é proposto, neste artigo, um olhar metodológico, baseado na *análise crítica da narrativa*, de Luiz Gonzaga Motta (2013), e na *análise de conteúdo*, de Laurence Bardin (2016), que possibilite a análise de séries e filmes que possuam essa característica, a fim de identificar e classificar os elementos presentes na minissérie considerados nostálgicos, além de compreender quais foram as estratégias narrativas utilizadas para rememorar aquele período histórico. Parte-se do estudo sobre nostalgia para apresentar uma abordagem metodológica que seja capaz de evidenciar os elementos nostalgizantes que, dadas as

suas características, ajudam a promover a memória e o sentimento de saudade⁶. É relevante ressaltar que este artigo não tem pretensão de propor suas próprias definições para nostalgia, mas apenas busca utilizá-la como ponto de partida para a utilização de um método de análise para esses tipos de produtos audiovisuais.

Com o tempo, a nostalgia pôde ser descrita como um fenômeno, que migra para uma profunda estrutura emocional e psicológica, mas também para uma estrutura cultural, social, econômica e política. Hoje, mais do nunca, fala-se e estuda-se sobre nostalgia. Sua relevância está nos inúmeros estudos realizados pelos diversos campos do saber, que exploram suas potências, pluralidades, classificações e categorias⁷.

A nostalgia nos produtos midiáticos

Historicamente, a nostalgia estava ligada ao passado, à melancolia e à saudade. É como uma lembrança de tempos e lugares que não existem mais, não são mais acessíveis ou talvez nunca foram. Num cenário nacional, Cruz e Ferraz (2018) afirmam que houve uma intensificação de um desejo de retorno ao passado, em uma manifestação de afeto pela nostalgia, que não necessariamente simboliza a memória, mas que se materializa em saudade de tempos mais seguros e menos violentos e perigosos. As autoras ainda dizem que não somente no Ocidente, mas também no Oriente, há um entrelaçamento entre aspectos geográficos, socioculturais, políticos e religiosos cujo elo é a ode a um passado idealizado. Entretanto, a ideia de nostalgia vai além do desejo de restauração do passado

A invocação de “tempos de ouro” pode estimular a busca dos exercícios de nostalgia por laços identitários ou sensações de pertencimento que ainda restem entre as vulnerabilidades tão temidas de nossa era. A questão é que a nostalgia, como bem lembra Stuart Tannock (2006), não está livre de ser cooptada por instâncias de poder conservadoras e reacionárias. Por outro lado, não se pode negligenciar que a nostalgia vai além do ímpeto e desejo pela restauração de quadros passados, o que desafiaria qualquer sentido

⁶ “A palavra saudade veio do latim *solitas*, que significa ‘solidão’, ‘desamparo’, ‘abandono’, do que resultam alguns dos significados que tem saudade: ‘desejo de um bem do qual se está privado’; ‘lembrança nostálgica e, ao mesmo tempo, suave, de pessoas ou coisas distantes ou extintas, acompanhada do desejo de tornar a vê-las ou possuí-las’. [...] Na gramática, saudade é substantivo abstrato, tão abstrato que só existe na língua portuguesa. Os outros idiomas têm dificuldade em traduzi-la ou atribuir-lhe um significado preciso: *Te extraño* (castelhano), *J’ai regret* (francês), *Ich vermisse dich* (alemão) e *homesickness, to miss e nostalgia* (inglês). Mas todas essas expressões estrangeiras não definem o sentimento luso-brasileiro de saudade. São apenas tentativas de determinar esse sentimento que sente os povos de cultura portuguesa. Assim, essa palavra saudade não é apenas um obstáculo ou uma incompatibilidade da linguagem, mas é principalmente uma característica cultural daqueles que falam a língua portuguesa” (LESSA, 2014, online).

⁷ De acordo com Boym (2017), a palavra “nostalgia”, de raízes gregas, é uma mistura de “retorno à casa” – *nostos* – e “dor” e “anseio” – *algia*. Como sua origem sugere, foi usado, primeiramente, como um termo médico, cunhado, pela primeira vez, pelo erudito suíço Johannes Hofer, ainda no século XVII, em sua tese de medicina, de 1688. Sendo assim, a nostalgia era considerada uma doença curável, semelhante a uma gripe comum. Os estudiosos da época consideravam como principais sintomas a saudade que uma pessoa tinha de sua terra natal, de seus costumes, comidas, cultura, cheiros, crenças, entre outros. Os médicos suíços acreditavam que o ópio, o uso de sanguessugas ou uma bela viagem aos Alpes Suíços dariam conta de curar os sintomas nostálgicos.

razoável de memória. Mais do que isso, a nostalgia ancora-se no tempo presente, de onde parte em forma de narrativas, estilos e ações, “[refletindo] novos modos de engajamento com o passado” (CRUZ; FERRAZ, 2018, p. 6-7).

Niemeyer (2014) diz que a nostalgia pode ser considerada um fenômeno liminar, ambíguo, que está presente tanto na estrutura psicológica e emocional como em estruturas culturais, econômicas, políticas e sociais. Esse contexto nos leva a crer, cada vez mais, nas potências das nostalgias – com “s” –, sua pluralidade e seus atravessamentos, classificações e categorias. Hoje, existe também o entendimento e estudos que comprovam que a nostalgia abrange outras temporalidades, principalmente, quando a entendemos como um desejo de um retorno de algo que nunca foi experimentado, ou de um futuro que nunca acontecerá. Niemeyer (2018) afirma, ainda, que o sentimento nostálgico é frequentemente relacionado a imaginações utópicas, sociais e políticas, e que a multiplicidade de reflexões sobre a nostalgia mostra a sua relevância e sua importância para as pesquisas acadêmicas.

Vivenciada individualmente, em grupo ou coletivamente, a nostalgia tem sido explorada como uma doença médica, um desencadeador de amnésia ou um sentimento agrídeo, e como uma prática criativa ou até curativa em numerosos campos acadêmicos, como antropologia, estudos culturais, geografia, história, literatura, marketing e estudos sobre o consumo, filosofia, ciência políticas, psicologia ou sociologia, e também mais recentemente em estudos de mídia e comunicação. Essa multiplicidade de reflexões conceituais e metodológicas, estudos de caso e análise crítica mostra a relevância e a persistência da nostalgia como um fenômeno médico, social, político, cultural e também acadêmico (NIEMEYER, 2018, p. 39).

Deve-se ressaltar que a nostalgia não é algo automático em cada ser humano. Muito pelo contrário, ela depende de diversos fatores, desde a história de cada indivíduo até seus gostos pessoais, coisas que fazia na infância e na adolescência, entre outros. Niemeyer (2018) conclui que a ideia da nostalgia como prática comunicativa é inegável, bem como o é sua relação intrínseca e histórica com os textos midiáticos. Diz a autora, também, que agora, mais do que nunca, tudo isso fica mais evidente graças às pesquisas que foram feitas internacionalmente, nos últimos anos⁸. A nostalgia e a memória são muito próximas.

Leal, Borges e Lage (2018) afirmam que é muito difícil deixarmos nossos passados para trás, pois somos constantemente inundados por memórias e objetos de décadas anteriores, graças às novas tecnologias e a novas formas de lembrarmos do nosso passado. Como aponta Gumbrecht (2015, p. 52),

em parte devido às nossas poderosas tecnologias de registro e preservação da memória, em parte devido à já referida transformação na nossa construção

⁸ Em seu texto *O poder da nostalgia: sobre o papel e o lugar da mídia e da comunicação (acadêmicos) em estudos sobre nostalgia*, Niemeyer (2018) faz um vasto levantamento de estudos, oriundos de diversas áreas do saber, voltados à nostalgia.

social do tempo, temos hoje mais dificuldades do que antes para afirmar como ser a arquitetura, o estilo literário ou a música “do nosso tempo”.

Leal, Borges e Lage (2018, p. 48) buscam articular nostalgia e experiência, e afirmam que não surge como razoável pressupor que a nostalgia ofertada ao consumo, nos diferentes produtos midiáticos, é vivida pelas pessoas de modo homogêneo, linear e unidimensional ou uniforme. “A pregnância da nostalgia hoje, nos parece, adquire força e potência quando articulada à experiência, ou seja, aos modos como ela se enraíza, plasma, configura em ações e textos”. Ao direcionarem seus estudos para produtos midiáticos, os autores supracitados salientam a importância de entender que essas obras nostálgicas não se confundem com a vivência nostálgica das pessoas, marcada por articulações entre memória e esperança, passado, presente e futuro. E complementam: menos do que um sentimento que pode ser causado por um agente externo, a nostalgia, vinculada à experiência é, sobretudo, uma ação que estabelece os modos como organizamos nossas lembranças, expectativas e projeções.

Diante do fato de vivermos tempos de nostalgia, é preciso atentar à relação do que seria, de fato, um sentimento nostálgico. A nostalgia se refere a um tipo de relação com a memória que desperta “sentimentos agridoces” por espaços e tempos romantizados por aqueles que estão rememorando” (LEAL; BORGES; LAGE, 2018, p. 51). Ao falar da aproximação entre o “boom da memória” – defendido, entre outros, por Huyssen (2014) – e a nostalgia, Niemeyer (2014) sugere que as narrativas de reconstrução memorialística são algo necessariamente “nostálgico”. Esse contexto dá margem ao que Grainge (2000) chama de “comoditização da nostalgia”, a qual

pode ser observada na utilização de expressões como “vintage” e “retro” para demarcar o retorno de produtos, modas e tendências do passado, processo facilmente notável em uma série de exemplos, que vão desde a esfera dos aparelhos eletrônicos, campo tradicionalmente dado ao elogio do “novo”, com a volta das câmeras Polaroid e a televisão “retro” da LG, até propostas mais prosaicas do ramo alimentício, como o retorno dos chocolates Surpresa e Lollo, da Nestlé, populares nos anos 1980, que reaparecem no mercado embalados pelo discurso da “nostalgia” e do “saudosismo”. Para Mark Keller, as empresas buscam o apelo a esse sentimento como forma de “imbuir nas marcas um significado emocional e cultural adicional” (CASTELLANO; MEIMARIDIS, 2017, p.66).

As calorosas recepções das séries da Netflix (CASTELLANO; MEIMARIDIS, 2017) despertaram o interesse da plataforma em usar essa onda nostálgica em novos produtos, como é o caso de *Hollywood*, lançada em 2020. Além disso, é relevante pensar sobre a questão do algoritmo, rico mecanismo de aferição de preferências dos assinantes que a empresa possui à sua disposição e influencia na decisão sobre apostar ou não em determinadas obras.

Se a Netflix se destaca como um novo modelo de produção e distribuição de ficção seriada televisiva na indústria estadunidense, isso só foi possível graças ao desenvolvimento tecnológico que possibilitou o surgimento da “televisão distribuída pela internet” (LOTZ, 2017). Ao contrário das

emissoras tradicionais da televisão linear, pautadas pela grade de programação, a Netflix segue a lógica do catálogo, em que o conteúdo disponível pode ser assistido por seus usuários de forma não-linear. Ao se libertar do fluxo televisivo, a Netflix é capaz de se engajar “em um projeto de desterritorialização” (JENNER, 2018), com um catálogo que mescla produtos de diferentes países, em especial os estadunidenses, em uma interface organizada por seu algoritmo de recomendações no qual cada usuário acessa uma versão personalizada que é baseada em seus hábitos de consumo na plataforma (MEIMARIDIS; MAZUR; RIOS, 2020).

A criação desses tipos de produtos audiovisuais é recorrentemente apontada como uma estratégia do serviço para capitalizar em cima de um interesse do público por produções que apresentassem temas do passado e momentos históricos muito buscados em sua plataforma, chamado por Hilmes (2011) de “nichificação”, característica do atual momento audiovisual que estamos vivendo.

A minissérie *Hollywood*

Hollywood é uma minissérie norte-americana de drama, criada por Ryan Murphy e Ian Brennan, que estreou em 1º de maio de 2020, na plataforma de *streaming* Netflix. A série conta a história de um grupo de aspirantes a atores e cineastas em Hollywood, após a Segunda Guerra Mundial. Cada personagem oferece uma visão única por trás da cortina dourada da Era de Ouro de Hollywood, enfrentando os mais variados desafios e lutando os sistemas injustos e preconceitos de raça, gênero e sexualidade.

A série conta a história de Jack Castello, papel vivido por David Corenswet, um personagem fictício que deseja ser um astro do cinema, e de Rock Hudson, interpretado por Jake Picking, que também busca o sucesso como ator. Além disso, a série mostra a história de Archie Colman, estrelado por Jeremy Pope, um roteirista negro e homossexual que sonha com a grande tela. Jack, Archie e Rock têm como início de suas relações o posto de gasolina Golden Tip, que funcionava como ponto de prostituição – e que de fato existiu –, administrado por Ernie West, vivido por Dylan McDermott. As vidas de todos mudam quando o filme *Meg*, roteiro de Archie e dirigido por Raymond Ansley, interpretado pelo ator Darren Criss, é aprovado, com Camille Washington, papel de Laura Harrier, uma atriz negra, no papel principal.

Como sempre acontece com as histórias de Murphy, o ritmo é intenso, os personagens são imediatamente carismáticos e várias liberdades narrativas são tomadas. É assustador como ele consegue um aproveitamento imenso do elenco jovem sem perder de vista a entrega do elenco maduro. Personagens como o repugnante Henry Wilson (Jim Parsons), o produtor Dick Samuels (Joe Mantello), Avis Amberg (Patti LuPone) e Ellen Kincaid (Holland Taylor) são construídos com apuro e sensibilidade. Há uma interferência direta constante desse “mundo ideal” que os roteiros vão lentamente injetando na realidade dos personagens. Mas, esse é um artifício que os espectadores de Quentin Tarantino conhecem muito bem e que gera reações apaixonadas, para o bem e para o mal (HADDEFINIR, 2020, online).

Apesar de retratar um momento histórico que parece estar muito distante dos dias atuais, a produção desperta um sentimento nostálgico do que poderia ter acontecido. Ao apresentar questões tão delicadas, como o racismo, a homofobia, a exploração, o assédio e o machismo, a minissérie também propõe finais alternativos que, se tivessem acontecido, poderiam ter, de fato, mudado a história do cinema como é conhecido hoje. Ao apresentar pequenas resoluções nos capítulos finais, *Hollywood* oferece a perspectiva de que o objetivo maior é mostrar que o curso dos acontecimentos e o nosso presente teria sido outro, melhor, se as decisões mais difíceis tivessem sido tomadas naquela época. De acordo com Haddefinir (2020, online), em matéria para o site *Omelete*, todas as estatísticas a respeito de Hollywood são muito assustadoras, até hoje:

Apenas uma mulher negra venceu o Oscar de Melhor Atriz em mais de 80 anos. Foi Hale Berry, em 2002. Apenas seis mulheres negras venceram como atriz coadjuvante. O primeiro Oscar dado a um filme dirigido por um homem negro foi em 2014, por *12 anos de Escravidão* e um roteirista negro só venceu recentemente. Foi Jordan Peele, por *Corra!*. Atores homossexuais ainda se escondem por medo de perderem trabalhos e os escândalos de assédio promovidos por Harvey Weinstein levantaram movimentos importantes apenas na última década. Olhando para essa panorama, fica difícil ser ranzinza com uma dramaturgia que preferiu brincar de reescrever a história.

Ainda sobre os finais alternativos, em entrevista ao *New York Post*, para Robert Rorke (2020, online, tradução nossa), Ryan Murphy disse que queria fazer um show sobre a “história escondida”, apresentando uma versão alternativa da era do ouro de Hollywood:

Eu queria fazer uma grande pergunta revisionista da história, que era: “Se essas pessoas que tinham permissão de ser quem eram no final dos anos 1940 e colocassem essa imagem na tela, isso mudaria a trajetória de Hollywood e muda minha vida de um garoto gay que cresceu nos anos 1970 e sentiu que não tinha modelos a se espelhar?”.

Muitos dos personagens da série são influenciados por figuras reais de Hollywood, porém todos são completamente fictícios. De fato, do elenco principal, apenas Rock Hudson e Henry Willson, vivido por Jim Parsons, são pessoas reais. O ator norte-americano Rock Hudson foi considerado um dos primeiros galãs do cinema, entre as décadas de 1950 e 1960. Ainda assim, ninguém parecia acreditar que ele poderia se tornar um bom ator, visto que seus primeiros ensaios eram ruins e ele tinha dificuldade em memorizar suas falas (MARTINS, 2020). Na vida real, entretanto, o astro precisou esconder sua homossexualidade para conseguir boas oportunidades de trabalho, mas acabou morrendo por complicações da Aids, em outubro de 1985.

O polêmico personagem Henry Willson foi retratado muito próximo do que foi na vida real (HADDEFINIR, 2020), já que a maioria dos acontecimentos de seu personagem realmente aconteceu. Henry era um agente abusivo, que forçava seus clientes a fazerem sexo para conseguir papéis em filmes e fazia ameaças psicológicas com o objetivo de ter o

controle de tudo. Ele também tinha influência na máfia, e morreu em um asilo, em 1978, lutando contra o vício de drogas e álcool. Já em *Hollywood*, Willson procura ajuda para seus vícios e comportamento predatório, entrando em um relacionamento saudável e produzindo o primeiro filme gay.

Martins (2020) diz que o Jack da ficção teve sua trajetória na minissérie baseada em dois atores verdadeiros, Jimmy Stewart e Marlon Brando. Ernie West também existiu, só que com o nome de Scotty Bowers. O administrador do posto de gasolina tinha um esquema de prostituição no qual atendia a alta classe de Hollywood, fornecendo seus trabalhadores para serviços sexuais. É significativa também a inserção da personagem de Anna May Wong, visto que seu relato é o que aconteceu na vida real. A atriz fora convidada para uma audição para *Terra dos Deuses* (1937), no papel de uma chinesa, que acabou sendo da atriz branca Luise Rayner, que mais tarde ganhou um Oscar por ele. Assim como retratado em *Hollywood*, Anna May ficou desiludida com as restrições provocadas por sua origem asiática, que a limitava papéis específicos e estereotipados.

Alguns outros momentos e episódios de *Hollywood* são, no mínimo, curiosos, como as festas de George Cukor, que foi um grande cineasta, ganhando espaço na indústria do cinema logo depois de adaptar *O Grande Gatsby* para o teatro. Dirigiu *Nasce Uma Estrela* (1954), protagonizado por Judy Garland, e, como diretor, chegou a ganhar um Oscar, em 1964, pelo musical *My Fair Lady* (MARTINS, 2020). Em *Hollywood*, o personagem aparece como anfitrião de uma festa que tem seu início com um jantar, mas que, depois de certa hora, torna-se um verdadeiro bacanal com homens nus. De acordo com Martins (2020), o cineasta era conhecido por produzir grandes eventos sociais, tanto reuniões profissionais, para astros do cinema, como encontros íntimos, para os amigos gays se sentirem mais confortáveis em um ambiente seguro.

Outra inspiração usada por Ryan Murphy em *Hollywood* foi para a personagem de Avis Amberg, que, apesar de ser inteiramente fictícia, teve como referência as produtoras Irene Selznick e Sherry Lansing, esta última a primeira mulher a comandar um estúdio hollywoodiano. O mesmo aconteceu com o personagem do diretor Raymond Ansley, parcialmente baseado em Steven Spielberg, enquanto Dick Samuels é uma versão fictícia do produtor Irving Thalberg. Entre as atrizes convidadas, Kate McGuinness interpreta Vivien Leigh – protagonista de *...E o Vento Levou* – e Harriet Harris, como a primeira-dama dos Estados Unidos, Eleanor Roosevelt.

Por fim, como o filme *Meg* não existiu na vida real, todos os prêmios do Oscar relacionados ao longa-metragem também não foram concedidos. A ideia de Ryan Murphy em concluir a história com outros resultados na premiação do Oscar de 1948 é mostrar como o mundo seria se houvesse maior representatividade naquela época (MARTINS, 2020). Ao todo, são sete episódios que têm tempo de duração entre 45 e 58 minutos.

A seguir, apresentaremos uma proposta de abordagem metodológica para análise de produtos audiovisuais que possuem como principal característica a nostalgia. Acreditamos que o método ainda não é definitivo. Entretanto, dada a emergência desse tipo de produto e da crescente quantidade de pesquisas envolvendo a temática, a elaboração de um método se faz necessária e será de extrema importância para futuros estudos e análises.

Os elementos nostalgizantes em *Hollywood*

A partir das discussões anteriores e do fato de enxergarmos a necessidade de se utilizar um método que dê conta de analisar os produtos audiovisuais que possuam como principal característica a nostalgia, propomos a seguir um processo que poderá – e deverá – ser modificado de acordo com o tema e os objetivos da análise. Neste processo, teremos como aportes teóricos os métodos de análise propostos por Motta (2013) – *análise crítica da narrativa* – e por Bardin (2016) – *análise de conteúdo*.

O estudo apresentado, a seguir, tem como objetivo a identificação dos elementos presentes na série considerados nostalgizantes, ou seja, buscamos localizar passagens, elementos, frases, objetos, entre outros, que, quando inseridos naquele contexto histórico, produzem um sentimento nostálgico. Através de uma análise pautada em categorias (BARDIN, 2016), buscaremos evidenciar e classificar estes elementos, com o intuito de demonstrar o sentimento de nostalgia presente na trama.

Acreditamos ainda que, uma vez classificados, os elementos poderão fornecer pistas sobre a construção narrativa (MOTTA, 2013) da minissérie e sobre através de quais estratégias ela conseguiu não somente rememorar o período histórico da era de ouro do cinema hollywoodiano, mas também reconstruir algumas narrativas. Para isso, sugerimos o trabalho com quatro aspectos diferentes:

- 1) **Tema:** a escolha de um tema para a análise é muito importante, já que pautará a criação de categorias e também o angariamento de elementos do produto audiovisual escolhido. O tema deve ser previamente contextualizado e compreendido pelo analista, especialmente pelo fato de estarmos tratando de temáticas nostálgicas e que, naturalmente, estarão localizadas no tempo passado, contemporâneo ou não a nós. Em nosso trabalho, elencamos como tema a era de ouro do cinema norte-americano, das décadas de 1940 e 1950, ou seja, nossa análise será pautada nos elementos e sentimentos nostálgicos relacionados ao cinema, propriamente dito.
- 2) **Recorte temporal:** sugerimos, aqui, o recorte temporal devido à grande quantidade e diferentes tipos de produtos audiovisuais, que podem ser curta-metragem, longa-metragem, minissérie ou série com diversas temporadas. Em algumas ocasiões, para tornar a análise mais detalhada e possível de ser feita, será necessário criar recortes temporais. Este aspecto dependerá do objeto de análise, da finalidade do estudo, mas também do próprio analista. Neste artigo, por trabalharmos com uma minissérie, que tem apenas sete episódios, optamos por analisar todos.
- 3) **Categorias:** A criação de categorias é um aspecto muito importante que auxiliará na análise. Aqui, propomos “categorias-base”, mas que podem ser modificadas por cada analista. As categorias deverão dialogar com a temática e serão complementares aos elementos que forem identificados. Neste artigo, trabalharemos com as categorias a seguir:

- **Estética:** observaremos a manutenção de ambientes, objetos, roupas, músicas, entre outros.
- **Memória:** observaremos a presença de alguns personagens, lugares e acontecimentos da vida real que contribuíram para o resgate da história, mas, ao mesmo tempo, ampliaram o olhar do telespectador.
- **Comportamento:** observaremos hábitos, modos de falar, gírias e relações entre os personagens que resgatam os comportamentos das décadas de 1940 e 1950.

4) **Elementos:** A identificação dos elementos deve ser feita quando o analista estiver assistindo ao produto audiovisual, sempre tendo em mente o tema e as categorias elencadas. Optamos por organizar nossa análise através da elaboração de um quadro, com o intuito de organizar melhor, principalmente, os elementos de cada episódio.

Quadro 1. Análise dos episódios da minissérie *Hollywood*

Episódio	Elementos nostálgicos sobre cinema	Categoria à qual pertence
1	O episódio começa dentro de uma sala de cinema.	Memória
	Apresentação da Hollywood dos anos 1940.	Memória
	Figurantes nos portões da Ace Studios.	Estética/Comportamento
	Novos termos para o cinema da época: “rolando”, ao invés de filmando/ “tocando”, ao invés de dirigindo/ “produzir”, ao invés de fazer um filme/ “transições”, para falar sobre o tipo de cena.	Comportamento
	A primeira cliente de Jack é uma ex-atriz do cinema mudo que sofreu preconceitos por sua etnia (“muito judia” para o mundo do cinema).	Memória
	O porquê de Jack querer ser ator de cinema: a tela de cinema trouxe significados a ele, “estar vivo”, trazer um propósito; foi no cinema que ele pegou na mão de uma garota pela primeira vez e deu o primeiro beijo.	Memória
	Cinema clandestino para homossexuais (luzes vermelhas, algo escondido, precário).	Estética/Comportamento/ Memória
	Archie Colman: negro, homossexual e roteirista.	Comportamento
2	Estatuetas do Oscar na casa de Avis Amberg.	Memória
	Discussão sobre a aceitação do público a atores asiáticos, entre Anna May Wong e Raymond Ainsley.	Memória/Comportamento
	Estereótipos asiáticos: “cortesãs viciadas em sexo e ópio”, “sedutoras perigosamente exóticas do extremo Oriente”.	Comportamento
	Restaurante do Ace Studios.	Memória
	Act Classes: aulas de atuação. As atrizes contratadas passavam por essas aulas para aprimorar forma de falar, pronunciar palavras sem sotaque.	Memória/Comportamento
	Quando a história de Anna May Wong é lembrada: bastidores das filmagens, audições, local físico do estúdio e cenário, cerimônia do Oscar.	Estética/ Memória
	Sala de avaliação das audições (Jack faz o teste).	Estética/Memória
	Camille é escalada para fazer o papel de uma empregada (estereótipos).	Memória/Comportamento
	Storyboard de “Peg”.	Memória
	Quando Roy é contratado, mostra a frieza da indústria, já que precisava mudar sua aparência, forma de falar, cor da pele e, inclusive, o nome.	Estética/Memória/ Comportamento

3	Apesar de não fazer nenhuma referência direta ao mundo do cinema, este episódio, que tem como foco a festa de George Cukor, mostra o mundo sombrio do cinema: crises de antigas atrizes, sedução para conseguir papéis, sexualidades escondidas, interesses por trás de relações profissionais, entre outros.	Estética/Memória/ Comportamento
4	Discussões sobre pessoas negras em Hollywood (roteiristas, protagonistas) – falam sobre aceitação de público, preconceitos e medo de fracasso.	Memória/Comportamento
	O momento dos testes: cenários, bastidores.	Estética/Memória
5	Mencionam Walt Disney e o filme <i>Song of South</i> .	Memória
	Mesa de leitura do <i>script</i> .	Estética/Memória/ Comportamento
	Bastidores da montagem do letreiro de Hollywood: conversam sobre cenas, ângulos de filmagem, cenários e locações.	Estética/Memória/ Comportamento
	Bastidores das fotos de Jack e Camille.	Estética
6	Manifestações contra o filme protagonizado por uma mulher negra.	Memória/Comportamento
	Ensaio de cenas.	Estética/ Memória
	Bastidores da filmagem, cenário, luzes.	Estética/ Memória
	Boicote dos cinemas contra uma protagonista negra.	Memória/Comportamento
	Edição de filme (cena de Henry Willson).	Comportamento
7	Conversa sobre a recepção do filme no sul do país.	Memória
	Boicote dos cinemas.	Memória
	Estratégias de lançamento: “lançamento amplo”, redução do preço dos ingressos, cobertura nacional.	Memória
	Orpheum – um cinema de rua (mostra a fachada, recepção e a sala).	Estética
	No cinema: United News – notícias sobre o filme <i>Meg</i> .	Memória
	Cerimônia do Oscar.	Estética/Memória/ Comportamento

Fonte: Elaboração das autoras.

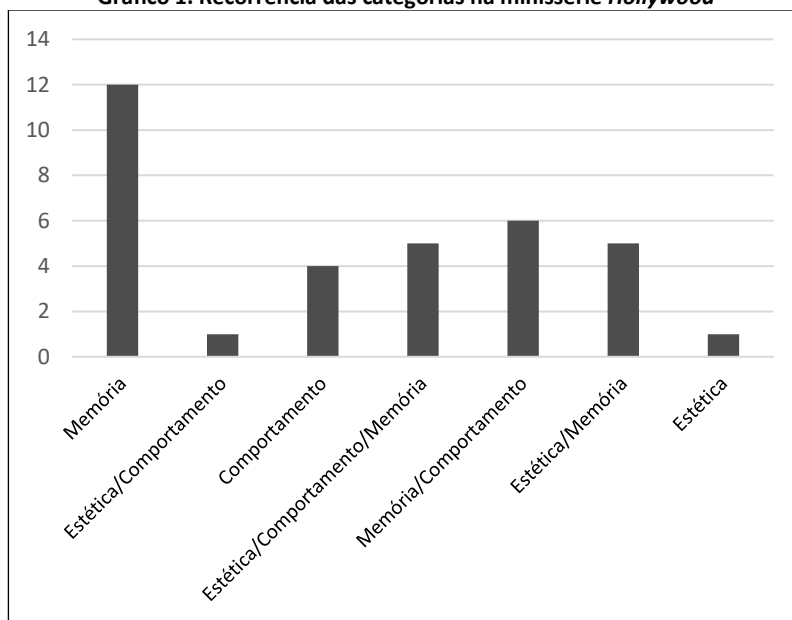
O Quadro 1 nos traz algumas informações importante de ressaltar. A primeira é a presença massiva da categoria “memória”, presente em 77% das ocorrências, seja de maneira isolada, seja conjugada com outra(s) categoria(s). Isso já comprova que, de fato, a série possui um perfil nostálgico, que se vale da memória e da manutenção de diversas características do passado, que trazem à tona o sentimento de saudade. Para melhor ilustrar, apresentamos a seguir uma tabela e um gráfico com todas as recorrências das categorias por nós criadas.

Tabela 1. Recorrência das categorias na minissérie *Hollywood*

Categoria	Recorrência
Memória	12
Estética/Comportamento	1
Comportamento	4
Estética/Comportamento/Memória	5
Memória/Comportamento	6
Estética/Memória	5
Estética	1

Fonte: Elaboração das autoras.

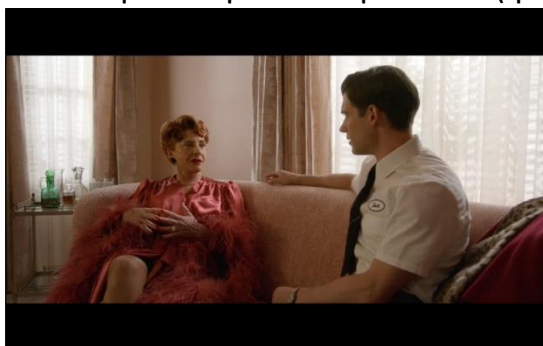
Gráfico 1. Recorrência das categorias na minissérie *Hollywood*



Fonte: Elaboração das autoras.

Além de toda a atmosfera nostálgica da série, fortalecida por ambientes, músicas, figurinos e gírias da época, percebemos esse resgate em diversos momentos, como, por exemplo, quando Jack conhece sua primeira cliente, uma ex-atriz do cinema mudo:

Figura 1. Categoria Memória: A primeira cliente de Jack é uma ex-atriz do cinema mudo que sofreu preconceitos por sua etnia (Episódio 1)



Fonte: Netflix⁹.

⁹ Todas as figuras apresentadas aqui são reproduções feitas pelas autoras, a partir da plataforma Netflix. A coleta das imagens ocorreu nos dias 19 e 20 de maio de 2020.

Dentro dessa temática, destacamos também a cena em que Jack encontra-se novamente com sua cliente e vê várias estatuetas do Oscar em sua casa:

Figura 2. Categoria Memória: Estatuetas do Oscar na casa de Avis Amberg (Episódio 2)



Fonte: Netflix.

Além disso, ressaltamos que, enquanto categoria isolada, “memória” foi a mais presente, com 12 ocorrências, que representa aproximadamente 39%; “estética” teve, de forma isolada, duas ocorrências; e “comportamento”, quatro ocorrências. É importante mostrar, também, as ocorrências conjugadas das categorias “estética”, que teve 11 ocorrências, representando 45%, e “comportamento”, que teve 12 ocorrências, com 54%. Julgamos pertinente trazer, como exemplo, a cena sobre a história da atriz Anna May Wang, em que as categorias “estética” e “memória” estão presentes:

**Figura 3. Categorias Estética e Memória:
Quando a história de Anna May Wong é lembrada: bastidores das filmagens,
audições, local físico do estúdio e cenário, cerimônia do Oscar (Episódio 2)**



Fonte: Netflix.

Outro fato curioso é a associação das categorias “memória” e “comportamento”, que, juntas, tiveram a maior ocorrência, depois da categoria “memória”, com seis ocorrências, o que leva a crer que, além de se apoiar na memória, a minissérie utilizou o comportamento para recriar e resgatar o momento histórico da era de ouro do cinema hollywoodiano. Isso pode ser visto como uma importante estratégia narrativa, principalmente se tratando de um

produto audiovisual, que apoia sua história nos perfis de seus personagens, os quais, de acordo com Motta (2013), são elementos essenciais em qualquer narrativa, seja ela fática ou fictícia. De certa forma, julgamos que o comportamento dos personagens influencia diretamente no sentimento nostálgico, tanto dos telespectadores que viveram naquele período como daqueles que não viveram, mas se encantam com as músicas, a forma de se vestir, as cores da maquiagem, o glamour das roupas ou a luta pela igualdade de gênero, por exemplo.

Um exemplo que consideramos significativo quando duas categorias são conjugadas, como é o caso de “memória” e “comportamento”, é quando aparecem as aulas de atuação, que trazem a memória do cinema, mas também traduzem e transmitem o comportamento da época e sua essência mais pura, carregada de pressupostos e, até mesmo, preconceitos, já que não eram permitidos diferentes sotaques e diferentes formas de pronunciar as palavras.

Figura 4. Categorias Memória e Comportamento: Act Classes: aulas de atuação (Episódio 2)



Fonte: Netflix.

Ao associarmos as três categorias – “memória”, “estética” e “comportamento” –, julgamos importante apontar que elas estão presentes em momentos de virada da narrativa da série, como quando Jack conhece Archie no cinema clandestino para pessoas homossexuais, conforme mostrado na figura a seguir:

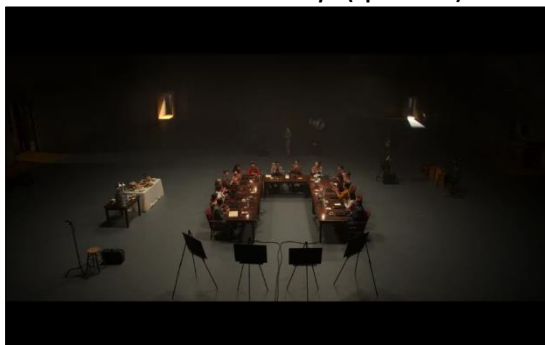
Figura 5. Categorias Memória, Estética e Comportamento: Cinema clandestino para homossexuais (Episódio 1)



Fonte: Netflix.

Ou quando Roy se reúne com Henry Willson e percebe a frieza da indústria cinematográfica norte-americana. Outro momento, como a festa de George Cukor, é um clímax da narrativa que prepara diversos fechamentos e fornece grandes revelações. Para nós, a maior importância da unificação destas categorias está nos capítulos finais da minissérie que trouxeram as diversas imagens de bastidores de audições, gravações, confecções de cenários e mesa de leitura do *script*. A seguir, mostramos dois exemplos de como essas categorias se juntam e criam, na nossa opinião, a tríade narrativa ideal para a minissérie:

Figura 6. Categorias Memória, Estética e Comportamento: Mesa de leitura do *script* (Episódio 5)



Fonte: Netflix.

Figura 7. Categorias Memória, Estética e Comportamento: Bastidores da montagem do letreiro de Hollywood: conversam sobre cenas, ângulos de filmagem, cenários e locações (Episódio 5)



Fonte: Netflix.

Neste momento, a minissérie provoca no telespectador a maior imersão no mundo do cinema das décadas de 1940/1950, transportando-o para os bastidores, através da manutenção das características daquele passado, da apresentação de personagens e histórias reais, bem como o comportamento dos personagens. O grande final, como já sugerido pela minissérie – “Um final de Hollywood” –, traz a cerimônia do Oscar, um dos eventos mais assistidos no mundo inteiro e mais esperado por todos os amantes da sétima arte. Aqui, ficam claras as intenções do diretor ao reescrever diversos desfechos históricos dos

personagens – reais e fictícios –, mostrando, principalmente, a aceitação e a apropriação de questões valorosas, como foram os casos do diretor negro e homossexual, da atriz de ascendência asiática e da protagonista negra, conforme apresentado a seguir:

Figura 8. Categorias Memória, Estética e Comportamento: Cerimônia do Oscar (Episódio 7)



Fonte: Netflix.

Por fim, acreditamos que um fato interessante da categorização dos elementos foi a presença de 58% de categorias conjugadas, mostrando que os produtos audiovisuais não possuem somente uma característica, mas são, de fato, um conjunto de elementos e estratégias que, juntos, provocam os efeitos pretendidos – no caso aqui abordado, despertam o sentimento nostálgico.

Considerações finais

Este artigo propôs um olhar metodológico para compreender e analisar produtos audiovisuais que possuem temas e/ou elementos nostálgizantes. Neste trabalho, optamos por analisar a minissérie *Hollywood*, da Netflix, que estreou em maio de 2020. Partimos de discussões sobre nostalgia, que tornaram possível a contextualização da época histórica em que a série passa, mas também a identificação dos elementos presentes na série que consideramos nostálgizantes.

A ideia para este estudo surgiu através da observação de que, mais do que nunca, as diversas plataformas de *streaming* têm investido em produtos midiáticos que refletem, de alguma forma, o sentimento nostálgico e possuem objetos, figurinos, músicas ou personagens que carregam consigo elementos considerados nostálgizantes. A análise mostrou-nos a presença massiva da categoria “memória”, comprovando, assim, nossa hipótese de que a minissérie *Hollywood* possui uma característica nostálgica e que o seu uso, conjugado com as outras categorias, tornou-se elemento potente, não somente na construção narrativa, mas também ao tornar possível o despertar do sentimento de saudade nos telespectadores. Além disso, observamos que a categoria “comportamento” não se fez muito presente.

Apesar disso, julgamos que suas poucas aparições foram extremamente necessárias, já que as narrativas audiovisuais se apoiam muito nos personagens da trama, suas bagagens culturais e seus comportamentos. A análise expôs alguns gatilhos e pistas para mostrar, acima de tudo, a necessidade de se trabalhar métodos que atuem de forma direcionada a produtos audiovisuais com características nostálgicas. Deixamos aqui a importância da criação das categorias que dialogassem com o objeto, tendo em mente a importância dos elementos da memória, estética e comportamento.

Referências

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.

BOYM, Svetlana. Mal-estar na nostalgia. *História da Historiografia*, Ouro Preto, v. 10, n. 23, p. 153-165, abr. 2017.

CASTELLANO, Mayka; MEIMARIDIS, Melina. A produção televisiva e instrumentalização da nostalgia: o caso Netflix. *Revista GEMInIS*, São Carlos, v. 8, n. 1, p. 60-86, jan./abr. 2017.

CRUZ, Lúcia Santa; FERRAZ, Talitha (Orgs.). A propósito da nostalgia. In: _____.; _____. (Orgs.). *Nostalgias e mídia: no caleidoscópio do tempo*. Rio de Janeiro: E-papers, 2018. p. 5-13.

GRAINGE, Paul. Nostalgia and style in retro America: Moods, and modes, and media recycling. *The Journal of American Culture*, v. 23, n. 1, p. 27-34, 2000.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Nosso amplo presente*. Bauru: Unesp, 2015.

HADDEFINIR, Henrique. Hollywood. *Omelete*, 4 maio 2020. Disponível em: <<https://www.omelete.com.br/netflix/criticas/hollywood>>. Acesso em: 8 jun. 2020.

HILMES, Michele. *Only Connect: A Cultural History of Broadcasting in the United States*. Belmont: Third Edition, 2011.

HUYSEN, Andreas. *Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas da memória*. Rio de Janeiro: Contraponto, Museu de Arte do Rio de Janeiro, 2014.

LADEIRA, João Martins. Negócios de audiovisual na internet: uma comparação entre Netflix, Hulu e iTunes-AppleTV, 2005-2010. *Contracampo*, Niterói, v. 26, n. 1, p. 145-162, 2013.

LEAL, Bruno Souza; BORGES, Felipe; LAGE, Igor. Experiências de nostalgia: de *Stranger Things* a *Vozes de Tchernóbil*, diferentes construções nostalgizantes. In: CRUZ, Lúcia Santa; FERRAZ, Talitha (Org.). *Nostalgias e mídia: no caleidoscópio do tempo*. Rio de Janeiro: E-papers, 2018. p. 47-66.

LESSA, Luísa Galvão. O mito da palavra saudade. *A Gazeta do Acre*, 28 maio 2014. Disponível em: <<https://agazetadoacre.com/2014/05/artigos/luisa-lessa/o-mito-da-palavra-saudade/>>. Acesso em: 19 mar. 2021.

MARTINS, Fernando. 'Hollywood': Saiba quem é quem na minissérie da Netflix. *Folha de Pernambuco*, 8 maio 2020. Disponível em: <<https://www.folhape.com.br/cultura/hollywood-saiba-quem-e-quem-na-miniserie-da-netflix/139732/>>. Acesso em: 8 jun. 2020.

MEIMARIDIS, Melina; MAZUR, Daniela; RIOS, Daniel. A empreitada global da Netflix: uma análise das estratégias da empresa em mercados periféricos. *Revista GEMInIS*, São Carlos, v. 11, n. 1, p. 4-30, jan./abr. 2020.

MOTTA, Luiz Gonzaga. *Análise crítica da narrativa*. Brasília: UnB, 2013.

NARCISO, Anderson. Hollywood: tudo sobre a nova série de Ryan Murphy na Netflix. *Mix de Séries*, 13 abr. 2020. Disponível em: <<https://mixdeseries.com.br/hollywood-tudo-sobre-a-nova-serie-de-ryan-murphy-na-netflix/>>. Acesso em: 8 jun. 2020.

NIEMEYER, Katharina. O poder da nostalgia: Sobre o papel e o lugar da mídia e da comunicação (acadêmicos) em estudos sobre nostalgia. In: CRUZ, Lúcia Santa; FERRAZ, Talitha (Org.). *Nostalgias e mídia: no caleidoscópio do tempo*. Rio de Janeiro: E-papers, 2018. p. 29-45.

_____. *Media and nostalgia: yearning for the past, present and future*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2014.

RORKE, Robert. Ryan Murphy pulls legends out of the closet in 'Hollywood'. *New York Post*, 29 abr. 2020. Disponível em: <<https://nypost.com/2020/04/29/ryan-murphy-pulls-legends-out-of-the-closet-in-hollywood/>>. Acesso em: 17 jun. 2020.

Talita Souza Magnolo

Doutoranda e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPG-COM) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Membro do corpo editorial do *Jornal da Alcar* e membro da Comissão de Audiovisual do PPGCOM-UFJF. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Membro do grupo de pesquisa Comunicação, Cidade e Memória.

Ana Paula Dessupoio Chaves

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e aluna do curso de especialização em História do Teatro Brasileiro e Ocidental da Faculdade CAL de Artes Cênicas. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Artes, Cultura e Linguagens da UFJF. Pós-graduada em Moda, Cultura de Moda e Arte, também pela UFJF. Graduada em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora.

Christina Ferraz Musse

Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Líder do grupo de pesquisa Comunicação, Cidade e Memória.